

2

Nelson: uma voz dissonante

A obra de Nelson Rodrigues é marcada pela oposição aos valores em voga na sua época. Na dramaturgia, Nelson rompeu com a forma e o conteúdo do teatro predominante na década de 1940, e foi acusado de autor tarado e obscuro pelos setores mais conservadores da opinião pública. Inversamente, duas décadas mais tarde, no seu trabalho jornalístico (principalmente nas crônicas de costumes), seria taxado de conservador e reacionário pela ala progressista da sociedade.

As contraditórias reações que suas obras suscitam revelam o caráter não sistemático de seu pensamento. Nesse segundo capítulo, analisaremos essa heterogeneidade de idéias no seu trabalho como cronista, escrevendo a coluna "Confissões" para *O Globo* na passagem da década de 1960/1970.

Nelson Rodrigues foi um escritor nato. Escrever foi seu estilo de vida. Desde sua adolescência até o penúltimo dia antes de sua morte, além dos textos jornalísticos, escreveu contos, crônicas, folhetins, teatro e consultório sentimental. Seu legado, dessa forma, é enorme e lhe possibilitou criar um estilo fluante, entre a narração e a opinião, a paródia e o melodrama, o político e o banal.

De acordo com Pierre Bourdieu:

(...) a escrita abole as determinações, as sujeições e os limites que são constitutivos da existência social: existir socialmente é ocupar uma posição determinada na estrutura social e trazer-lhe as marcas, sob a forma, especialmente, de automatismos verbais ou de mecanismos mentais, é também depender, ter e ser tido, em suma, pertencer a grupos e estar encerrado em redes de relações que têm a objetividade, a opacidade e permanência da coisa e que se lembram sob a forma de obrigações de dúvidas, de deveres, em suma, de controles e sujeições" (Bourdieu, 1996: 42)

Abarcando com liberdade os vários âmbitos do cotidiano de diversas épocas, as "Confissões" marcam o período mais político e intelectualizado da obra de Nelson.

Nelson, entretanto, costumava se declarar explicitamente contra o pensamento ideológico e intelectualizado, e mais diretamente, contra o intelectual:

Preliminarmente, devo confessar o meu horror aos intelectuais ou melhor dizendo, quase todos os intelectuais. Claro que alguns escapam. Mas a maioria não justifica maiores ilusões. E se me perguntarem se esse horror é recente ou antigo, eu diria que é antigo, muito antigo. A inteligência pode ser acusada de tudo, menos de santa.

Tenho observado, ao longo de minha vida, que o intelectual está sempre a um milímetro do cinismo. Do cinismo e, eu acrescentaria, do ridículo. (Rodrigues, 2002: 168)

Nas entrelinhas desse trecho, esconde-se uma das ambigüidades inerentes às “Confissões”. Ao mesmo tempo em que Nelson nega a dissimulação política e interventora do intelectual (no caso, do intelectual de esquerda), ao longo das “Confissões” agiria da mesma forma, isto é, preenchendo suas crônicas de referências literárias, históricas e culturais, para defender uma posição política, e desse modo se colocar publicamente contra ou favor dos acontecimentos e personalidades da época. Nelson faz textos engajados contra o engajamento.

Em um pequeno ensaio sobre o papel do intelectual na vida pública, intitulado, “Representações do intelectual”, Edward Said afirma que só existe intelectual na medida em que este crítica o “status quo”. A seu ver, a liberdade de expressão e opinião é o fundamento da razão de ser do intelectual secular, que, não pode ser cooptado por governos ou corporações, pois “sua função é levantar publicamente questões embaraçosas, confrontar ortodoxias e dogmas” (Said, 2005: 20)

Para Said, acima de tudo, o que interessa é a figura representativa do intelectual, sua personalidade, sua vocação para assumir no discurso público, “compromisso e risco, ousadia e vulnerabilidade”. Assim: “O que o intelectual menos deveria fazer é atuar para que seu público se sinta bem. O importante é causar embaraço, ser do contra e até mesmo desagradável” (Said, 2005: 27)

Se existe alguma característica fundamental nas “Confissões”, esta é a forma como Nelson Rodrigues expõe sem restrições sua perspectiva dos fatos e personagens do contexto 1960/70. Nelson não faz concessão à opinião média, porque desliza dos julgamentos puritanos para os politicamente incorretos, dos libertários e para os reacionários.

Outro ponto significativo das “Confissões” está no fato de Nelson Rodrigues comentar de forma inusitada os temas que trata. Ou seja, não apenas

sua crítica, mas, também, a forma como opina, criam um personagem Nelson que, ao utilizar as imagens e teses mais excêntricas possíveis, abre um leque de interpretações incomuns sobre o contexto.

Segundo a pesquisadora Maria Cristina Batalha, Nelson Rodrigues é, dentre os escritores nacionais, um dos mais preocupados com a construção de uma “persona” (Batalha, 1995: 1) que se manifesta tanto no escritor quanto no homem, diluindo as fronteiras entre ficção e realidade. Sendo assim, de acordo com a autora, o “Nelson autor” se une ao “Nelson ator”, na criação de uma imagem mitológica, marcada pela contradição e a polêmica. Nas palavras do próprio Nelson: “minha biografia está refletida na obra. Em medida profundíssima (...). Todo autor é autor biográfico e eu o sou. O que acontece na minha obra são variações infinitas do que acontece na minha vida” (Rodrigues apud Batalha, 1995: 1). Nesse sentido, pode-se dizer que as “Confissões” são um conjunto de opiniões/criações sobre o Brasil (e, em menor medida, sobre o mundo) em um período fundamental da história recente.

De um determinado ângulo, então, pode-se afirmar, com base no pensamento de Michel Foucault, (Foucault, 1979) que a análise das “Confissões”, nos permite inverter a perspectiva linear da história, calcada na busca da origem única dos fatos, para um sentido não essencial, e sim, circunstancial e acidental dos anos 1960/70. Isso só é possível, pois como já foi explicitado, as “Confissões” promovem algumas inversões na visão institucional, identitária e seqüencial da história brasileira, na medida em que Nelson ficcionaliza e personaliza o contexto em que escreve.

Desse modo, as crônicas, a partir de sua linguagem paródica e dissociativa, se mostram como uma alternativa à busca da identidade original daquele contexto, e apontam para a procura dos acidentes, do começo das desavenças entre as coisas, dos pontos onde concepções, valores, explicações discordantes entraram em embate.

Sem dúvida, Nelson Rodrigues foi um especialista do arremedo. Em suas crônicas, nada era levado a sério, e para todos os eventos trazia no bolso as imagens mais alucinadas e as metáforas mais inoportunas. Quase sempre eram jocosas e irritantes pelo sarcasmo com que as tecia. Em geral, porém, espirituosas e desviantes em relação à opinião comum aos seus contemporâneos.

Ao tratar da história de uma forma burlesca, Nelson retira o que há de monumental e lógico no seu sentido e atrai as atenções para o lado desagradável, estranho e superficial dos fatos. É como se as críticas de Foucault à idéia de história como evento seqüencial, calcado numa única origem, fossem ilustradas nos comentários que ele faz sobre o incidental nos anos 1960/70.

Da mesma forma, Nelson se utiliza do recurso melodramático para afirmar sua posição pessoal e autobiográfica diante dos acontecimentos. Nesse caso, o cronista trata os fatos de maneira mais séria, porém, carrega-os de um explícito tom personalista, retirando deles, da mesma forma, sua pré-concepção institucional.

Assim, é difícil enumerar e sistematizar com clareza todos os alvos das “Confissões”, pois estes perpassam vários personagens criados por Nelson ao longo do período. Ele estava, ao mesmo tempo, contra “o poder jovem”, a “Igreja pra frente”, “a festiva do Antonio’s”, “as grã-finas amantes espirituais de Cheguevara”, “a revolução sexual”, dentre outros alvos de combate.

Talvez o que se possa apontar de forma um pouco mais segura (mas ainda assim de maneira assistemática) como ponto de partida para a maior parte de seus confrontos, seja o fato de seu pensamento aproximar-se de uma certa dimensão, do modelo romântico. Sua concepção de mundo tinha como princípio a idealização das grandes individualidades, dos grandes artistas e grandes líderes. É dessa base que partem suas críticas ao pensamento coletivista, ao engajamento político na arte (defendidos por diversos setores dos movimentos de esquerda) e as práticas e discursos liberais e progressistas que surgiam na época, tanto do ponto de vista da política quanto dos costumes.

Nelson Rodrigues se opunha, então, primeiro ao que considerava leviano e alienado no discurso socialista da burguesia contra as classes dominantes; segundo, à súbita transformação nos hábitos culturais, que passara a conferir um inédito poder imaginário aos jovens, destronando passo a passo os costumes tradicionais nos quais havia formado sua visão de mundo:

Outro dia, tivemos a jovem *revolução francesa*. Os estudantes da França explodiram. A princípio, pensou-se que eram as vítimas da fome, furiosas contra a fome. Mas logo se percebeu que era a antifome. Sim, a antifome que devastava a França. E o mundo viu os filhos da alta burguesia virando carros, arrancando paralelepípedos. Ninguém entendia nada. Certo parisiense, perfeito idiota da

objetividade escreveu: - “A desgraça da França são os franceses”. Outro propôs uma resistência contra os franceses. Um terceiro queria uma nova invasão da Normandia que salvasse a França da brutal ocupação francesa.

E eram os jovens, os jovens, os jovens. Como eram os jovens, todo mundo lhes deu razão. Cabe perguntar: - e que fizeram eles além de arrancar paralelepípedos e quebrar vidraças? Foram pichar as obras-primas do teatro Odeon. Passaram a gilete ou a brocha nas telas famosíssimas. Por que esse ódio, esse estupro plástico? Porque os estudantes eram contra a “arte oficial”. Mas fecharam a Bienal, por se tratar de arte moderna, capitalista etc, etc. O festival de Cannes foi também fechado, a tapa. Alguém que acordasse, de repente, havia de imaginar que era uma nova ocupação nazista. Os nazistas nunca se lembraram de humilhar, degradar os belos quadros, as obras-primas de todos os tempos. E o curioso é que jamais ocorreu aos estudantes franceses que eram eles a alta burguesia, eles o capitalismo, eles a classe dominante. (Rodrigues, 2001: 178, 179)

A figura do “jovem” é um ícone fundamental para se entender a hegemonia do pensamento liberal e progressista entre artistas e intelectuais da época. Era em torno dessa figura que giravam as utopias de um mundo diferente. Eram os jovens os principais responsáveis pela revolução política e cultural a ser feita.

Todavia, como já foi dito, o “jovem” era mais um símbolo do que propriamente a finalidade crítica de Nelson. Se fossemos unificar em uma imagem os diversos adversários do cronista, o mais certo seria dizer, abrangentemente, que Nelson era contra sua época. Época, também, em que Nelson Rodrigues reduz de forma significativa sua produção dramaturgica e se dedica intensamente à discussão das questões políticas daquele contexto, traçando um panorama inusitado em relação a um pensamento relativamente consensual nas esferas intelectuais e artísticas.

Nelson Rodrigues fugia aos padrões, por exemplo, ao se colocar numa postura frontalmente contrária à politização de seu tempo (principalmente no que dizia respeito ao engajamento de esquerda na produção cultural). Considerava política assunto de políticos, não concordava com a visão política generalizada da época, que invadia terrenos antes bem menos politizados, como o futebol, a religião, e o teatro:

Quando era crítico teatral, Paulo Francis disse certa vez:- ‘ o hospital é mais importante do que o teatro’. Não me lembro se escreveu exatamente assim, mas o sentido era esse. E o articulista tinha a ênfase, a certeza de quem anuncia uma

verdade inapelável e eterna. Ao acabar o texto, voltei a frase e a reli:- ‘O hospital é mais importante do que o teatro’.

Fiz pra mim mesmo a pergunta:- “Será?”. Já me pareceu imprudente que se comparassem funções e finalidades diferentes. Para que serve um teatro e para que serve um hospital? Por outro lado, não vejo como um crítico de teatro, no gozo de plena saúde, possa preferir uma boa rede hospitalar às obras completas de William Shakespeare.

De mais a mais, o teatro era, na pior das hipóteses, o seu ganha-pão. Imaginem um médico que de repente, no meio de uma operação, começasse a berrar:- “Viva o teatro e abaixo o hospital!”. (Rodrigues, 2001: 237)

Como veremos, vários são os motivos para a desconfiança de Nelson quanto à politização que tomava conta do mundo nos anos 1960. Em geral, pode-se dizer que para ele, a politização, em especial a socialista, negava os princípios de seu ideário moral, no qual a idealização do romantismo amoroso e o direito à privacidade pareciam se destacar. Na sua visão, o Homem era acima de tudo individual. Isso levava-o à conclusão generalizada de que o indivíduo politizado estava a favor do ódio e em nome da eliminação das diferenças.

A grosso modo, Nelson Rodrigues acreditava em dois fatores de dissolução do Homem tal como ele o concebia: a revolução socialista e a revolução dos costumes (principalmente, a dita revolução sexual). A primeira por promover a antipessoa; a segunda por provocar a subversão nas hierarquias etárias e propagar o sexo livre. Nelson era, desse modo, considerado duplamente reacionário por grande parcela da sociedade engajada em movimentos de transformação sócio-culturais.

Vejamos primeiramente o caso da politização e do socialismo. Em várias “Confissões” o ideário socialista é atacado, sem meias palavras:

Sempre escrevi nesta coluna, que o marxismo-leninista é igual ao marxismo-stalinista. E só os obtusos, ou os cínicos, podem achar qualquer dessemelhança entre um e outro. Se os fatos significam alguma coisa, também Lênin e Stalin são gêmeos, ambos empenhados em fazer do homem o anti-homem, da pessoa a antipessoa. (...)

E nenhum socialista deixará de repetir, com obtusa e bovina teimosia:- “Socialismo é liberdade!”. Bem. Se o problema é de palavras, também se poderá dizer que a burguesia é mais, ou seja:- ‘Liberdade, igualdade e fraternidade’ (Rodrigues, 2002 c: 168)

Para Nelson não existia distinção prática entre o socialismo e o stalinismo russo. Achava que, com todos os defeitos, os regimes burgueses possuíam uma margem de liberdade pessoal impossível no socialismo. Mais do que isso, Nelson construía a figura do sujeito socialista como alguém sempre disposto a odiar e a se sujeitar voluntariamente ao stalinismo.

Em uma “Confissão” intitulada “A morte do ser humano”, Nelson narra a história do poeta Heberto Padilla, preso no governo de Fidel Castro. Segundo Nelson, intelectuais europeus e latino-americanos, todos socialistas, escreveram um violento manifesto de repercussão mundial acusando Fidel Castro de estar ressuscitando a sordidez stalinista em Cuba. Nelson, então, prossegue:

E como reagiu o poeta Heberto Padilla?

Reagiu assim:- atacando furiosamente os seus defensores. Mas era pouco. Levando mais longe o próprio aviltamento, delatou sua mulher, a poetisa Relkis Cuzamales, e vários intelectuais, até então seus fraternais amigos. E, ao mesmo tempo, põe nas nuvens o ditador Fidel Castro.

Eis o que o socialismo descobriu:- o escravo agradecido. Vocês entendem? É como se um remador de Ben Hur desse vivas ao chicote, vivas às chicotadas que lhe cortam a carne. Pois o Heberto Padilla é um degradado radiante. E, para provar sua gratidão, denuncia a mulher e os amigos.

O socialismo não admite “o inocente”. Vejam vocês. A “inocência”, falsa ou verdadeira, só é possível na ordem capitalista. Sacco e Vanzetti morreram dizendo: - “Somos inocentes”. E assim o assassino do baby Lindeberg. (...) Jack, o Estripador, fez também sua pose desesperada e final de inocência. (Rodrigues, 2002 c: 197, 198)

Nelson enxergava os governos socialistas não só como autoritários na prática, mas também como arbitrários no plano simbólico:

No socialismo só acontece e só se sabe o que o Estado quer. Para 800 Milhões de chineses, os americanos ainda não desceram na Lua.

É, assim, possível que, mesmo cadáver, Mao Tse-tung continue fazendo história e matando, a torto e a direito. Pode parecer injusto, ou cruel, que esteja aqui a falar de um morto ou, na melhor das hipóteses, de um agonizante. Em primeiro lugar, a injustiça ou crueldade são definições burguesas. Do mesmo modo, justiça e bondade são igualmente burguesas. Na China Vermelha as coisas não são o que são, mas o que o Partido quer. A justiça da véspera pode ser a iniquidade do dia seguinte. (Rodrigues, 2002 c: 251)

Em outra situação, desta vez recorrendo a um tom mais hiperbólico e patético, sugere que a politização do seu amigo, o psicanalista Helio Pellegrino, estaria interferindo na amizade que cultivava com ele há anos. Nelson então resolve escrever uma crônica em que conta a história do seu último jantar de aniversário ao qual Helio não teria ido. Para tanto, recorre a um artifício que utilizaria em várias situações: a utilização do prefixo *anti*, sugerindo as implicações do socialismo na transformação do que ele considerava a antipessoa:

(...) Enganam-se os que vêem um só Hélio Pellegrino. São dois. Há o Hélio e o anti-Hélio. A alma do meu amigo tem sido palco de uma batalha feroz entre um e outro, entre ele e o seu oposto, entre o verdadeiro e o apócrifo. (...)

O Hélio é a pessoa e o “outro” Helio a anti-pessoa. (...) Dias antes, eu o desafiara a jantar comigo no meu aniversário. Esse repto foi, e aqui confesso, uma impiedade. Sim, eu sabia que estava provocando uma luta corporal entre o Hélio e o anti-Hélio, ou seja:- entre o poeta e o político.

Para minha sádica satisfação, as coisas se passaram como eu previa. Os dois Hélios marcaram um encontro no terreno baldio à meia-noite. (...)

A guerra verbal durou até às quatro da manhã. O anti-Hélio batia na mesma tecla: - “Não podes jantar com a reação! Não podes jantar com a Direita”. Às cinco horas da manhã, o legítimo Hélio capitulou:- “Está bem. Não janto. Mas preciso telefonar. Dou uma desculpa Afinal gosto do Nelson, que diabo!” E assim fez.

(...) Pigarro e ajunta:- “Tenho que ir a Teresópolis”. Eu imaginei o esforço físico que lhe custara fabricar tal viagem contra um pobre e indefeso aniversariante.

Dia dos meus anos, todo mundo jantou comigo, menos o Hélio. Sua ausência estava sentada na minha alma. (...) Em verdade, seu telefonema foi um momento da consciência humana: enquanto meu obscurantismo não me proíbe de tê-lo por amigo, seu socialismo o impede de jantar comigo. E eu sou, segundo ele próprio declara com a sua bela voz de barítono, um dos seus “amigos fundamentais”.

Tenho uma vizinha gorda que, nos grandes impasses costuma dizer:- “Deixa pra lá, deixa pra lá”. E eu ia esquecer tudo, quando domingo, li o artigo do meu amigo e irmão sobre Lúcio Cardoso. E pensei, antes de começar a leitura:- “ainda bem que o Hélio escreve sobre o Lúcio”. Ora, um artigo sobre Lúcio Cardoso teria de ser sobre Lúcio Cardoso. O diabo é que o testemunho sobre o ficcionista foi escrito pelos dois Hélios e, portanto, padece de contradições e equívocos horrendos.

Começa assim: - “Lucio Cardoso morreu no dia 23 de setembro e, na tarde desse mesmo dia foi enterrado”. As primeiras linhas são do poeta. Em seguida vem o político, o anti-Helio:- “Nesse dia, intelectuais, artistas, professores, sacerdotes, mães de família participavam de um ato público contra a realização da VIII Conferência de Exércitos Americanos” (...) Eis o que eu queria perguntar:-porque

falar em passeata, por que, se Lúcio Cardoso era a antipasseata, era a negação da passeata? (...)

Em dado momento, diz o artigo: “[...] capitalismo que amesquinha, degrada e coisifica o ser humano” e, portanto, “o amor humano”. O articulista diz isso fremente, com seu tão conhecido gosto pelo patético. Realmente, o capitalismo não é flor que se cheire e muito menos o socialismo que as passeatas propõe. Amigos, às vezes um pequenino, um ínfimo, um individualíssimo episódio abre uma janela para o infinito. Vejam o nosso jantar. O capitalismo nunca me impedira de jantar com o Hélio. E o socialismo é tão assassino do amor que não o deixa comer um bife comigo, um doce e franciscano bife (Rodrigues, 2001: 265, 266, 267, 268)

A essa altura é importante discutir mais um aspecto contraditório e intrínseco ao pensamento de Nelson Rodrigues. Como foi observado, as “Confissões” nunca estavam atreladas a uma base linear de argumentação. Com a agilidade que seu estilo lhe permitia, Nelson entrelaçava concepções universais e contextuais como lhe convinha, de maneira que convicção e retórica andavam juntas na sua argumentação.

Assim, se observarmos um detalhe da crônica acima, contextualizando-o, poderemos entender melhor essas contradições.

Na “Confissão” “O Hélio e o anti-Hélio”, Nelson reclama quando seu amigo cita num artigo sobre Lúcio Cardoso, o ato público contra a VIII Conferência de Exércitos Americanos, pois “um artigo sobre Lúcio Cardoso deveria ser sobre Lúcio Cardoso”. Ora, o ano em que escreviam era 1968, após o AI 5, ou seja, logo depois que a ditadura militar que governava o país havia eliminado os direitos à liberdade de expressão e pensamento e não era grande segredo pra ninguém que os militares que haviam dado o golpe possuíam íntimas relações com o governo norte-americano.

Noam Chomsky, numa série de entrevistas sobre os arquivos secretos americanos, fala sobre a política externa dos governos americanos ao longo do século passado, em especial, suas manobras políticas e militares na administração das tentativas de emancipação econômica e política de alguns países periféricos:

Vejam, existe uma técnica clássica quando você quer derrubar um governo: você arma seus militares. Esse é o procedimento padrão, por motivos óbvios. Se você quer derrubar um governo, quem vai derrubá-lo para você? Bem, os militares é que derrubam governos. Na verdade, é esse, só para começar, o principal motivo

para fornecimento de treinamento e ajuda militar pelo mundo afora, para manter os contatos com nossos camaradas no lugar que conta, o exército.

Se você ler documentos secretos dos EUA, isso é tudo dito muito abertamente, para falar a verdade. Por exemplo, existe uma intercomunicação (atualmente liberada) de Robert McNamara (secretário da Defesa) para McGeoge Bundy (assistente especial do presidente para assuntos de segurança nacional), 1965, com uma detalhada discussão da América Latina, na qual eles falam que o papel dos militares nas sociedades latino-americanas é derrubar governos civis se, no julgamento dos militares, esses governos não estiverem buscando o “bem-estar da nação”, que acaba por ser o bem-estar das corporações multinacionais norte-americanas. (Chomsky, 2005: 22)

Da sua parte, Nelson nunca escondeu sua opinião sobre os Estados Unidos: “Eu poderia passar dias aqui demonstrando, com fatos sólidos, que os Estados Unidos são o país mais livre do mundo” (Rodrigues, 2002 b: 163). E, de fato, o acesso irrestrito que Chomsky tinha aos arquivos secretos do governo americano e sua liberdade de publicação de todas as manobras daquele governo (desde o acolhimento de criminosos nazistas até todo o tipo de intervenção, em todos os graus, em vários países de terceiro mundo que ousaram construir governos civis independentes) atestam essa liberdade. Todavia, os mesmo arquivos, comprovam que o custo dessa liberdade interna é a repressão externa aos países subdesenvolvidos da África, América Latina e Ásia. Nelson, então, se mostra no mínimo ingênuo quando insiste na questão da violência como moeda diferencial entre regimes capitalistas burgueses e socialistas, como, por exemplo, nessa passagem de uma “Confissão” de 21/2/1971, sobre a guerra entre Índia e Paquistão, intitulada “Pisado até morrer”, em que compara, por critérios bastante duvidosos, os militares capitalistas aos guerrilheiros bengalis socialistas:

Nas guerras capitalistas o prisioneiro é sagrado. Matar prisioneiro é, segundo a moral militar burguesa, um crime sem perdão. Mas os guerrilheiros socialistas não têm escrúpulos reacionários. Repito que o fuzilamento seria uma medida até simpática e piedosa. Antes da morte, porém, os prisioneiros são submetidos a abjeções hediondas. São torturados, preliminarmente, em partes não mortais. Quando o sujeito é reduzido a uma miserável carne desumanizada, os guerrilheiros substituem o tiro de misericórdia por golpes de caratê na nuca (Rodrigues, 2002 c: 187)

Assim, o que parece contraditório (para não dizer cínico) da parte de Nelson, é que suas críticas às ditaduras socialistas não se estendem para as

ditaduras de direita. Mais grave do que isso, uma dessas ditaduras de direita que se implantavam no mundo ocorria aqui, no Brasil, e preenchia vários dos pré-requisitos que Nelson julgava desumanos nas ditaduras stalinista, tais como: censura e perseguição implacável a artistas e intelectuais, seguidas de tortura, humilhações, exílios e assassinatos. Além disso, a utilização do aparelho estatal para manipulação explícita da população por meio da massiva divulgação de mentiras, tanto para caluniar os opositores do regime ditatorial, quanto para acobertar seus crimes hediondos (como adjetivaria o próprio Nelson).

Talvez a postura de Nelson tivesse sido mais facilmente compreendida se calasse em relação à ditadura militar no Brasil. Mas, de acordo, com sua típica radicalidade, ele chegou a escrever algumas “Confissões” de defesa e admiração solenes ao governo militar. Uma delas, intitulada “Esporas e penachos” trata de um diálogo com o então presidente Emílio Garrastazu Médici:

De mais a mais, o Brasil vive seu grande momento. Eis o nosso dilema:- ou o Brasil ou o caos. O diabo é que temos a vocação e a nostalgia do caos. É o momento de fazer o Brasil ou perdê-lo. Esse Garrastazu Médici é, neste instante, uma das figuras vitais do país. Eu ia vê-lo, ia ouvi-lo. Sim, ouvir os ruídos de sua alma profunda. Todo mundo tem, no bolso do colete, o seu projeto de Brasil. Garrastazu tem o seu e pode realizá-lo. Ao passo que nós não temos força para tapar um cano furado. Bem, aceitei o convite (...)

(...) Conversamos longamente. Houve um momento em que ele me disse:- “Sou um presidente sem compromissos. Só tenho compromissos com a *minha pátria*. Eis um homem que fala em “pátria”, em “minha pátria”. Para a maioria absoluta dos civis, “pátria” é uma palavra espectral, “patriota” é uma figura espectral. (...)

Certa vez, conversei com um membro da esquerda católica (...) Antes de se despedir, o membro da esquerda católica concentrou sua ira na Forças Armadas. Acusou-as de incapazes, de ineptas, de relapsas. “Os militares nunca fizeram nada”, afirmou. Desta vez, perdi a minha paciência. Tratei de demonstrar-lhe que os militares fizeram tudo. No Sete de Setembro (e Pedro Américo não me deixa mentir) foram sujeitos de esporas e penacho que deram o grito do Ipiranga; e, se os militares não fizeram nada, que faz a espada de Deodoro na estátua de Deodoro? Foi a inépcia militar que fez a República, assim como fizera a independência. Em 22 e 24, era o sangue militar que jorrava como a água, a água da boca dos tritões de chafariz. Em 30, em 32, em 35, foram os militares. Retirem as Forças armadas e começará o caos, o puro, irresponsável e obtuso caos. (Rodrigues, 2002 c: 133, 134, 135)

Por mais deslumbrado que fosse o nacionalismo de Nelson, suas opiniões retomavam uma discussão antiga sobre a identidade nacional e a concepção do

que seria o povo brasileiro. Nelson Rodrigues acreditava que a visão política da esquerda construía um projeto de “antiBrasil”, e apresentava a imagem do que seria o Brasil e o brasileiro, de acordo com sua concepção. Em seu entender, as esquerdas ignoravam o Brasil como ele era, idealizando os acontecimentos revolucionários de outros países periféricos. Com isso, propunham um modelo de país que para ele nada tinha a ver com o brasileiro, calcado na revolta e na politização.

Em uma de suas “Confissões”, comentando sobre um artigo que lera e que combatia veementemente o recém-anunciado salário astronômico de oitenta milhões do Chacrinha, ele diz:

A principio ninguém acreditou. Nenhum brasileiro merecia tanto. Mas chegou um momento em que a evidência varreu a última dúvida. Era a pura, santa e imaculada verdade. Lembro-me de colegas que na redação abriam os braços para o céu: “Como pode? Como pode?. Cabe então a pergunta:- e onde nasceu a primeira irritação? Resposta:- nas esquerdas. (...)

Num domingo recente saiu um imenso ensaio, quase uma página inteira, em corpo seis. Seu autor era, justamente, uma flor das esquerdas. E metia o pau no Chacrinha, e não só no Chacrinha:- também na música popular, na escola de samba, no Chico Buarque, no Fla-Flu e, por fim, no sexo.

O esquerdista negava tudo o que o brasileiro adora. Li aquilo e saí perguntando:- “Você gosta de sexo? De música popular? De futebol? E de repente, relendo o tal artigo, percebi por que a nossa esquerda não se comunica com ninguém e vive na mais obtusa solidão. Repito:- a nossa esquerda só fala, escreve, gesticula e só doutrina para si mesma. (Rodrigues, 2002 b: 120)

Em outra crônica, Nelson ataca o projeto socialista de Brasil, ridicularizando um de seus personagens preferidos, a “passeata”. Nesse caso, abusa da paródia para desqualificar o movimento engajado de esquerda:

Cada qual levava no bolso a sua ideologia, que era a mesma em todos os bolsos. Na época, escrevi que não se encontrava, entre os Cem mil, ou cinqüenta, ou até 25, nenhum preto. (...) Se eu descobrisse um – não dois ou três, mas um, somente um – já me daria por satisfeito. (...)

E outra observação que me deu o que pensar:- os Cem mil tinham uma saúde dentária de anúncio dentifrício. (...) E a marcha de 100 mil sujeitos sem uma cárie, sem um desdentado, assumia a forma de um pesadelo dentário (...) “E o povo? Onde está o povo?”. O povo era ausência total. Não havia uma cara de povo, um paletó de povo, uma calça de povo, um sapato de povo. (...)

E súbito, baixou-me uma luz e vi tudo. Não havia um preto, ou um torcedor rubro-negro, ou um desdentado, porque aquilo era uma passeata das classes dominantes. A coisa era tão antipopular que não apareceu nem um batedor de carteira. Onde há povo, são obrigatórias uma série de figuras:- o vendedor de laranjas, de mate, de chicabom, de mariola. Quando o povo sentasse, acabaria a passeata e começaria o piquenique. (Rodrigues, 2002 c: 28, 29)

E mais um exemplo do que considerava antipatriota no movimento estudantil de esquerda e em particular nas passeatas:

Uma vez somos brasileiros, outras vezes não somos brasileiros. Dirão vocês que estou, aqui, a fazer paradoxos. Nem tanto, nem tão pouco. Ou vocês se esquecem das passeatas? Eram brasileiros os que passavam? Não, não eram. Por exemplo:- a passeata dos Cem Mil. (...)

Uma multidão, assim gigantesca tem de tudo. Tem obstetra, veterinário, estudante, protético, cineasta, assassinos, vampiros, cubanos, barbeiro de necrotério. Mas faltou, na grande marcha, um velho conhecido nosso:- o brasileiro.

Que se saiba, o brasileiro lá não apareceu. Os manifestantes repetiam na formidável cadência coral:- “Vietnã, Vietnã, Vietnã!”. Nunca me esqueço de um rapaz que, de chicabom em punho, berrava:- “Cuba!, Cuba!, Cuba!” (...) Os próprios cartazes nada tinham a ver com esta enorme e desventurada terra. Num deles estava escrito: - “Muerte”, se não me engano ao imperialismo. (...)

Ora, se um vago e escasso brasileiro estivesse metido entre os Cem Mil, havia de gritar:- “Rua do Ouvidor, rua do Ouvidor, rua do Ouvidor!” Ou, então:- “Praça Mauá, praça Mauá”, ou “Vaz Lobo”, ou “Senador Pompeu”. Mas eram todos vietcongs, cubanos, russos, chineses. Portanto, ninguém se lembrou do Brasil, ninguém se lembrou do brasileiro. Tudo era Cuba. (Rodrigues, 2002 c: 152, 153)

É interessante observar como por um lado, a visão de Brasil e de povo brasileiro de Nelson Rodrigues aproxima-se da visão modernista, e por outro se distancia.

A aproximação se dá pelo nacionalismo que faz a crítica ao fascínio com a Europa, procurando neutralizar nosso sentimento de inferioridade e valorizar nossas típicas diferenças culturais. Nelson era um nacionalista, defensor de um Brasil simbólico representado principalmente pela figura do suburbano, em contraste com as elites adúladoras da cultura europeia e americana. Considerava a Europa; “uma burrice aparelhada de museus” (Rodrigues, 2002 a: 60), o que denota sua liberdade quanto à aceitação cega de categorias epistemológicas

eurocêntricas para a compreensão da nossa realidade. Dizia: “O mundo nada sabe do Brasil, nem quer saber. Ainda hoje, o professor europeu de geografia ensina que o Brasil é capital de Buenos Aires” (Rodrigues, 2002 c: 154). De modo que interessavam-lhe as imagens e os assuntos concernentes ao país, da forma como ele o concebia, isto é, um Brasil anterior as transformações sócio-culturais dos anos 1960.

Nelson Rodrigues, porém, se distanciava de concepções modernistas, como a antropofagia ou a guinada socialista dos anos 1930 em diante, na medida em que se mostrava extremamente aristocrático quanto à difusão do saber e a democratização do conhecimento. Contornava essa questão dissimulando sua postura elitista em ataques ao que considerava os falsos artistas e falsos intelectuais. Todavia, como defensor inevitável do estilo de pensamento moderno, iluminista e romântico, Nelson não conseguia disfarçar sua postura francamente a favor de uma alta cultura para poucos e, conseqüentemente, do reconhecimento de uma aristocracia intelectual e artística, ao qual, certamente, julgava pertencer. Na sua visão do brasileiro, portanto, não se enquadrava o quesito inteligência:

O brasileiro não nasceu para ser inteligente. E direis mais: - nem pode ter parente inteligente. Parece exagero ou piada.(já expliquei que as verdades mais solenes podem assumir, por vezes, a forma da piada). Nada mais trágico para uma família brasileira do que ter, em seu seio, um caso de inteligência. (Rodrigues, 2002 b: 147)

O aristocratismo intelectual de Nelson, entretanto, não o impedia de defender uma postura humanista. Em “Regras para o parque humano” Peter Sloterdijk disserta sobre os fundamentos do humanismo. De acordo com o filósofo, o humanismo tem seu fundamento nas antigas comunidades literárias, formadas por uma pequena parcela com condições de leitura, que estariam, dessa forma, autorizadas a influenciarem a grande parcela inculta, de acordo com suas convicções. Para Sloterdijk: “Faz parte do credo do humanismo a convicção de que os seres humanos são animais influenciáveis e de que é portanto imperativo prover-lhes o tipo certo de influências” (Sloterdijk,1999: 14).

Sloterdijk, porém, levanta a hipótese de que, no mundo contemporâneo das novas tecnologias audiovisuais, a síntese social não é mais, nem mesmo em

aparência, algo determinado por livros e pela leitura. O autor, então, refere-se, metaforicamente, a uma luta entre o livro e o anfiteatro no Império Romano, comparando-a com a luta entre o livro e novas tecnologias midiáticas na contemporaneidade. Em ambas as situações o livro é um meio domesticador, enquanto o entretenimento um meio desinibidor. E, como acredita na vitória das novas tecnologias sobre o livro pergunta: “O que ainda domestica o homem, se o humanismo naufragou como escola da domesticação humana?” (Sloterdijk, 1999: 32).

Talvez, Nelson, assim como Sloterdijk, estivesse prevendo a ruína de um humanismo pensado nesses termos, em função da gradual diluição dos limites entre alta cultura e baixa cultura, da relativização do papel das grandes individualidades na vida social, da quebra das hierarquias tradicionais nos costumes. Isso, porém, não impediria Nelson de, em outros momentos, defender a estética folhetinesca e lançar mão da retórica melodramática, inclinando-se, assim, para a cultura de massa e opondo-se à racionalidade da arte moderna. Nelson, então, recorria ao passado, ora como um antídoto para as mudanças radicais do período, ora para apontar as raízes dos problemas morais que julgava estarem nascendo em sua época.

Nesse sentido, de acordo com a teoria de Sloterdijk, é possível identificarmos um Nelson Rodrigues defensor das práticas de domesticação em contrapartida às práticas de desinibição. Ou seja, um Nelson contra a democratização do conhecimento, contra a promoção irrefreada de artistas e personagens do showbusiness, e a favor do elitismo intelectual, de uma pequena parcela constituída pelos indivíduos influentes da comunidade literária, em condições de julgar os impasses da época.

Em uma “Confissão” intitulada “O pesadelo humorístico”, Nelson deixa clara sua frustração reacionária e aristocrática com o seu tempo, pois este seria continuador dos aspectos que considerava negativos no século XIX:

Nada mais XIX do que o século XX. (...) O que eu queria notar, e não sei se me entenderam, é que há por toda parte, uma série de sintomas trágicos. O que é “progressismo” e “progressista” senão monstros genuínos, indubitáveis, inalienáveis do século XIX?

E, realmente, não começou. Daqui a trezentos, ou quatrocentos, ou quinhentos anos, os historiadores não saberão onde acaba o século XIX e onde começa o século XX. É possível que eles concluam, como aqui insinuo, que não houve século XX. Não sei se há outros casos de épocas que por um lapso misterioso e fatal da história não nasceram. Como explicar esses períodos falhados, sem nenhuma vitalidade histórica e criadora? Não sei, ninguém sabe.

Poderão perguntar em que coincidem o século XIX e o nosso. Vamos por partes. O grande acontecimento do século XIX foi a ascensão espantosa e fulminante do idiota. Até então, o idiota era apenas o idiota e como tal se comportava. Não vejam em minhas palavras nenhum exagero caricatural. E o primeiro a saber-se idiota era o próprio idiota. Não tinha ilusões. Julgando-se um inepto nato e hereditário, jamais se atreveu a mover uma palha, ou tirar uma cadeira do lugar. Em 50 mil, ou cem, ou duzentos anos, nunca um idiota ousou questionar os valores da vida. Simplesmente, não pensava. Os “melhores” pensavam por ele, sentiam por ele, decidiam por ele.

Foi o século XIX que fez do idiota um ser histórico. E, então, aquele sujeito que, há 500 mil anos, limitava-se a babar na gravata, aquele sujeito, dizia eu, passou a existir socialmente, economicamente, politicamente, culturalmente etc. Houve em toda parte, a explosão triunfal de idiotas. Muitos estranham a violência da nossa época. Eis um mistério nada misterioso. É o ódio do idiota, sempre humilhado, sempre ofendido, sempre frustrado e que agora reage com toda a potência do seu ressentimento.

Deve-se a Marx o formidável despertar dos idiotas. Estes descobrem que são em maior número e sentem a embriaguez da onipotência numérica. Bertrand Russel diz, por outras palavras, que sem ódio não existiriam nem Marx, nem marxistas. Mas a vitalidade do marxismo depende do idiota. (Rodrigues, 2002 c: 71, 72)

Pierre Bourdieu defende a idéia de que a ascensão das ciências sociais no século XX, transformaram a visão moderna de intelectual e artista construída ao longo do século XIX. Utilizando a figura aglutinadora e emblemática do sociólogo, afirma Bourdieu que: “(...) o sociólogo está destinado ao relativismo, ao nivelamento dos valores, ao rebaixamento das grandezas, à abolição das diferenças que constituem a singularidade do “criador” do lado do “Único” (Bourdieu, 1996: 12).

Nelson Rodrigues se pensava um escritor único, diferente, revolucionário. E, de fato, desde sua estréia no teatro na década 1940 vinha sendo o autor mais censurado do Brasil, o que denota seu inconformismo estético. A partir da década 1960, porém, deparou-se com uma influente intelectualidade marxista que buscava estabelecer novos cânones no campo artístico-cultural. Isso, naturalmente, alterava o quadro em que estava acostumado a atuar e no qual sua obra teatral causava impacto. Assim, no trecho abaixo, o século XIX literário é

evocado, mas desta vez, para ser valorizado, em oposição aos desvios do século XX:

Só as gerações românticas é que exigiam do romancista o ato literário puro. O autor tinha que ser autor mesmo. Ninguém aceitava um Dumas Filho sem *A dama das camélias* ou um Dickens sem *David Copperfield*, ou um Victor Hugo sem *Os miseráveis*. Mas os tempos rolaram e eis que a nossa época inventou o “intelectual de passeata”. Perguntará o leitor:- “E o que faz o “intelectual de passeata?”. Hoje não faz nada. Mas houve um tempo em que fazia exatamente passeata (...)

O que quero dizer é que os intelectuais que marcharam são estilistas sem uma frase, poetas sem uma metáfora, romancistas sem personagens, cineastas sem um filme. Não escrevem, não pensam, não imaginam - simplesmente passearam. (...)

Quando ouço um escritor vociferando sobre o Vietnã, já sei:- está se vingando de sua impotência criadora. Os atos políticos, as posições ideológicas como que justificam e absolvem de uma brutal esterelidade literária.

E assim, ninguém faz as coisas simples e profundas do seu métier. Um Gilberto Freyre é um escândalo em nossa literatura. É o grande artista que jamais abandona sua formidável solidão criadora. Faz sua obra, apenas sua obra. Esta é sua maravilhosa obstinação. (...) Outro:- Guimarães Rosa. O mundo, para ele, era sua obra. Punha uma frase bem-sucedida acima de todo o Sudeste Asiático. Dirá um “intelectual de passeata” que isso é monstruoso. Monstruoso coisa nenhuma. Gilberto Freyre tem toda uma obra miguelangesca sobre o Brasil e seu povo. Também Guimarães Rosa só tratou do Brasil, só tratou de nós. (Rodrigues, 2002c: 129)

Assim, angustiava-lhe perceber a passagem de uma arte intimista, psicológica e introspectiva, para uma de caráter político e voltada para a extroversão, tal qual se fazia na época. Além disso, surgiam vários autores e diretores de teatro inovadores e iconoclastas nas formas como encenavam, criavam em grupos e se organizavam em movimentos coletivos para reivindicações sociais. Tudo isso parecia ameaçar a posição confortável que Nelson gozava, até então, de único autor maldito do teatro brasileiro.

Percebendo esse ressentimento, Oduvaldo Viana Filho, o Vianinha, escreve no *Brasil em Marcha* um artigo de contra-ataque a Nelson que o chamara de cambaxirra revolucionário e marxista de galinheiro. O artigo foi intitulado “Aves, galinhas e conselhos (carta a um avicultor)”:

Acho você sincero como escritor, nunca pondo no papel aquilo que a pressão social exige, escrevendo o que passa na sua cabeça. Você é o que escreve e, talvez por isso, seja bom artista (...). Daí, é claro, sua mui justa indignação quando pichado de reacionário. Reaça, para você, sabe que é reaça, gaba-se disso, tem ânsia de vômito quando vê operário, acende vela para Rockefeller, não assiste a suas peças, não entende de candomblé, nunca ouviu falar no garrincha, usa batina dentro de casa. No seu modesto entender, reacionário é gagá. Gagá é gagá, Nelson. Reacionário é um sujeito ativo, atuante, inteligente, empenhado, engajado que, como você, luta para que suas idéias existam. (...)

Nelson, você está é ficando para trás: por isso botou penas em cima de mim. Sua sinceridade está começando a desbotar. Cada vez mais você quer se saber bom autor: mais e mais autor na opinião dos outros. O programa do *Boca de Ouro* está repleto desses julgamentos afirmando que você não é o Shakespeare só porque não usa calçãozinho.

Nelson, você está começando a se defender, por isso saiu para o ataque às galinhas.

É bom você sair para a discussão. É ótimo, é coisa pensada. Mas você está começando mal, aferrando-se no escolhido, garantindo com pretéritos aplausos recebidos. Está jogando com o que tem de realizado contra o que está por se realizar, ditando cátedra enquanto é tempo com dossiê embaixo do braço, envolvido de uma atmosfera entre papal, de senhor de engenho e de Adhemar de Barros. Você sabe que o projeto de teatro brasileiro que se instalou é irreversível e deixa você longe vários corpos (...). Ao invés de comprar galocha e guarda-chuva, você quer parar o toró que vem aí. Logo, logo – a continuar assim – você estará escrevendo “A vida como ela foi” no vestusto *Correio Paulistano*. Dentro da avicultura que lhe é tão cara, logo, você é um falcão com hérnia, uma águia, no poleiro, vestida de noiva (Vianna, apud Facina, 2004: 79-80)

Nelson, todavia, não se dava por rogado. No seu projeto de teatro e de Brasil a ideologia política de esquerda não servia de base fundamental. O mesmo número do Jornal trás a tréplica de Nelson, então, acusando Vianinha e o teatro engajado que ele defendia, de sectário:

Então, no seu ressentimento, o Vianinha nega, de alto a baixo, o meu teatro. E por que nega? É simples: - porque eu não faço propaganda política, porque não engulo a arte sectária. Em suma: - o Vianinha queria que o “Boca de Ouro” parasse a peça e apresentasse um atestado de ideologia. Mas ele quer mais. Não basta o personagem. Exige também do autor o mesmo atestado. A minha vontade é perguntar ao Vianinha: “Ô Rapaz! Você é revolucionário ou tira?” (Rodrigues apud Facina, 2004: 81)

No mesmo artigo Nelson ainda cita Engels mostrando em um trecho de carta a Minna Kautsky, como o co-autor do *Manifesto comunista* afirmava não valorizar o “romance de tendência” e acreditava que “quanto mais as idéias do

autor permanecem ocultas, mais isto servirá para valorizar a obra de arte”. Tenta com isso, mais uma vez, desvalorizar o pensamento artístico engajado proposto por muitos outros artistas e intelectuais da época, engajando-se também, mas na luta contra o engajamento.

O que parecia incomodar Nelson, mais do que a ideologia socialista ou a arte engajada e revolucionária propriamente ditas, era o consenso em torno dessas idéias que se formava em seu meio intelectual. De fato, foi uma geração especialmente politizada, que pensava na urgência da ação social, e portanto, do pensamento político. E, ainda que esse tipo de pensamento não representasse a maioria objetiva da população, sua presença no campo cultural era hegemônica, e transformava rapidamente as tendências estéticas e intelectuais modernas e burguesas. Assim, Nelson observava com irritação:

Eis o que eu queria dizer:- não me interessa a expressão numérica da “festiva”. O que importa é sua capacidade de influir nos usos, costumes, idéias, sentimentos, valores do nosso tempo. Ela não briga, nem ameaça as instituições. Mas em todas as áreas, as pessoas assumem as poses das esquerdas.

(...) Mas insisto:- apesar da eugenia da manhã, da boêmia da noite, é uma potência. Não sai da praia nem do Antonio’s, mas influi em tudo. (...)

Ah, ninguém consegue ser nada, em nossa época, sem o empurrão promocional das esquerdas. Waldomiro Autran Dourado acaba de publicar sua *Ópera dos mortos*. É uma obra-prima. Mas ninguém escreve sobre a *Ópera dos Mortos*. É apenas uma obra de arte, irredutível obra de arte e nada mais. A qualidade estilística parece uma alienação insuportável. E como é a “festiva” que promove o artista, ou o enterra, faz-se para o livro de Autran um feio e vil silêncio. (Rodrigues, 2002 b: 132, 133)

Entretanto, como já foi mencionado no primeiro capítulo, ainda que boa parte dos artistas estivesse envolvido com o pensamento marxista e o discurso engajado socialmente, algumas correntes mantinham uma postura crítica em relação às propostas esquemáticas do tipo que Vianinha e o CPC propunham.

Alguns participantes do Cinema Novo e Glauber Rocha em particular, foram críticos da estética e de certas tendências do pensamento político da esquerda brasileira. Apesar de sempre ter defendido um discurso explicitamente marxista, Glauber, aproximava-se de Nelson, quando defendia uma postura nacionalista que voltasse radicalmente os olhos para o Brasil. No final dos anos

1970, Glauber, em entrevista a Heloísa Buarque de Hollanda, retomaria as palavras de Oswald de Andrade, quando este, após se envolver com o pensamento marxista na década de 1930, faria uma crítica ao movimento modernista de 1920. Afirmava Glauber: “Como diz o Oswald de Andrade, no Brasil, o contrário de Burguês não é o proletário é o boêmio, intelectual aqui é um palhaço da burguesia, são as mesmas figuras da revista *interview*, das colunas sociais do Globo, desses bares decadentes aí” (Rocha apud Hollanda, 1980: 28).

Com o mesmo faro de Glauber, Nelson dedicou diversas “Confissões” para a análise dos “Saraus de Grã-finos” que dizia frequentar. Evidentemente, não se pode dizer ao certo o quão verdadeiras ou caluniadoras são suas reconstituições das festas. Em uma dessas crônicas, intitulada “A leitora de Marcuse”, Nelson ridiculariza uma “Grã-fina, amante espiritual de Che-guevara”, com o objetivo de denunciar o pensamento de esquerda como uma pose burguesa, como uma moda:

(...) Uma grã-fina liga para o meu amigo. Pedia uma notícia não sei em que jornal. (...) Queria que a notícia saísse em todos. E era tal a aflição da capa de *Manchete* que o Machado quis saber:- “Mas o que é, afinal?”.

Imagino que, do outro lado da linha, a grã fina tenha baixado a vista, escarlate de modéstia; e disse:- “Estou lendo Marcuse”. Houve uma pausa, um suspense. No seu espanto, Machado pergunta:- Como? Como?. A outra suspira:- “Estou lendo Marcuse”. E queria que o Machado, que tinha tantas amizades jornalísticas, mandasse publicar que ela, d. Fulana de Tal, lia Marcuse. Era preciso que o mundo, o Brasil, De Gaulle, as amigas, as inimigas, os credores, todos, todos soubesse que ela passava as horas e os dias lendo e relendo Marcuse. (...)

A grã-fina que “lê Marcuse”, e o confessa por toda parte, está dando um atestado de ideologia. E, realmente, a conhecida do Machado e minha é esquerdista e radical como as que mais o sejam. Quer violência, não abre mão do sangue. Acha que, sem luta armada, o desenvolvimento é uma absoluta e eterna impossibilidade. No mais, frequentou todas as passeatas; foi vista, numa sacada, atirando listas telefônicas. De outra feita, marchou pela Avenida. Só fez uma concessão à própria classe. Foi quando Vladimir mandou a multidão sentar. Ela desobedeceu para não sujar o vestido. (Rodrigues, 2001: 152)

A obstinação de Nelson Rodrigues em combater a esquerda, no entanto, privou-o de ver a pluralidade cultural ao seu redor. Essa é mais uma contradição do controvertido personagem “Nelson Rodrigues”. Enquanto acusava a esquerda de querer monopolizar o direito de impor o verdadeiro cânone da arte, ele próprio era capturado pelo que julgava contestar.

O movimento Tropicalista, por exemplo, é uma boa mostra de que nem tudo o que se fazia em termos artísticos na época tinha uma inspiração político-marxista. No tropicalismo, a influência explícita e declarada era a antropofagia do modernismo de 1920. O tropicalismo resgatava as idéias antropófagas de valorização de um Brasil híbrido entre o que havia de mais regional aliado as influências da cultura de massa de fora do país.

Na verdade, de acordo com Caetano Veloso, um dos representantes mais influentes do movimento, essa mistura já havia sido feita na música há pouco tempo, com o advento da bossa nova e, fundamentalmente, na figura de João Gilberto. Este, ao incorporar elementos da música americana à música brasileira de Dorival Caimi e Tom Jobim, inventou um novo estilo performático entre o samba e o jazz. A proposta tropicalista, então, seria a de radicalizar essa experiência partindo de um paradigma que buscava a mistura de elementos da indústria cultural com matérias da tradição brasileira.

Obviamente, a questão tropicalista, assim como a do Cinema Novo, é mais complexa do que o que está sendo apresentado aqui. O que nos interessa, contudo, são os pontos de aproximação desses diversos acontecimentos sócio-culturais com as “Confissões”. Nesse caso, a relativização cultural proposta pelo Tropicalismo não era bem aceita pelos setores mais engajados da música e do movimento de esquerda em geral. Estes entendiam essa espécie de “neo-antropofagia” tropicalista como um movimento comercial, logo, capitalista, burguês, etc. Assim, pode-se dizer que os tropicalistas tinham algo em comum com Nelson: partilhavam adversários.

Caetano Veloso narra um momento emblemático dessa disputa no episódio em que encontra Geraldo Vandré (então, o grande ícone da canção de protesto) em um restaurante, após a gravação da canção “Baby”, que era um perfeito exemplo da mistura cultural proposta pelos tropicalista:

Minha Alegria ao ouvir, no estúdio, a adequação do estilo de Gal à canção (sendo a um tempo bossa nova e rock’n’roll, mas sendo algo diferente disso) (...) Nós saímos do estúdio para jantar em clima comemorativo. Geraldo Vandré, que estava em outra mesa, veio até a nossa e, ao perceber nosso entusiasmo pela gravação, pediu que Gal lhe cantasse a canção recém-gravada. Quando tinha ouvido o suficiente para ter uma idéia do que era, ele a interrompeu bruscamente, batendo na mesa e dizendo: “Isso é uma merda!”. Gal calou-se assustada e eu, indignado, disse a ele que saísse dali. Ele ainda quis argumentar dizendo que

estávamos traindo a cultura nacional (...) Isso, inaugurou uma inimizade pessoal que traduzia nossa divergência ideológica. (...)

Nós sabíamos da rejeição que nossas idéias e ações encontravam por parte da esquerda nacionalista. Vandré estava apenas externando francamente o que muitos sentiam a nosso respeito. (Veloso, 1997: 280)

Atento às divergências que surgiam no interior dos movimentos artísticos, Nelson aproveitou a ocasião de um Festival da Canção para capitalizá-la como instrumento na sua rixa pessoal com o movimento estudantil de esquerda. No caso, Caetano Veloso fora vaiado ao se apresentar com a canção “É proibido proibir”. Assistindo ao episódio pela televisão, Nelson comentou:

(...) Ia passar o teipe do Festival da canção. Não sei se não teria preferido um banguê-banguê. Mas, vamos lá. Começa o festival com uma panorâmica da platéia. Verificou-se ao primeiro olhar, que todo mundo lá era jovem. Só rapazes, só mocinhas. É apavorante. No passado ocorria o inverso:- o Brasil era uma paisagem de velhos (...)

E era de um óbvio escandaloso a politização dos presentes. Sempre que uma letra fazia um insinuação política, ou tinha um arroubo ideológico, ou rosnava para os Estados Unidos – a audiência vinha abaixo. Que *passionarias* eram as meninas! Lembro-me de uma que assim se manifestava:- tirando os sapatos e batendo com os saltos, um no outro. Ninguém sabia se estava aplaudindo ou vaiando. Ah, os rapazes, os rapazes! Cavalgavam as cadeiras e atiravam patadas como rútilos centauros (...)

Mas vejamos o sr. Caetano Veloso. A vaia selvagem com que o receberam já me deu uma náusea de ser brasileiro. Dirão os idiotas da objetividade que ele estava de salto alto plumas, peruca, batom etc.etc. Era um artista. De peruca ou não, era um artista. De plumas, mas artista. De salto alto, mas artista. E foi uma monstruosa vaia. (...)

Mas estou aqui fazendo uma defesa inútil de Caetano Veloso. Ninguém reage melhor do que ele mesmo.(...) A massa coral repetia, em furiosa cadência (...) já nenhum espectador suportava mais a humilhação, que se transferia para as casas. (E a jovem massa insistia no refrão torpe.) Súbito, os brios de Caetano Veloso se eriçaram mais que as cerdas bravas do javali.

Ele começou a falar. Era um contra 1500. (...) E disse as verdades que estavam mudas, sim, as verdades que precisam ser ditas:- urgentes, inadiáveis e santas verdades.

Se bem me lembro, eis suas palavras:- “É isso a juventude? E vocês são políticos? Querem o poder! Vocês não sabem nada, não entendem nada! Analfabetos em política e arte! Se entendem de política como entendem de música desgraçado do Brasil”. Não me lembro de tudo. Houve um momento em que Caetano Veloso comparou, e com exemplar justiça, as duas vergonhas:- a vaia obscena e a invasão da Teatro Ruth Escobar. Naquela ocasião, depois do espetáculo de *Roda viva*, uns quarenta bandidos espancaram o elenco. Havia uma atriz grávida que

gritou:- “Estou grávida!. Levou um chute na barriga. E dizia Caetano Veloso:- “Vocês não são melhores! São iguaizinhos!” (Rodrigues, 2001: 241, 242, 243)

Não se pode dizer que Nelson, estivesse alinhado estética ou ideologicamente ao tropicalismo, ao cinema novo, ou a outras propostas artísticas alternativas à sistematização marxista. Como já foi dito, os pontos em comum entre Nelson e esses movimentos emergem, fundamentalmente, quando se encontram na contra-mão das propostas da esquerda. Por exemplo, na defesa do brega e do romântico como característica do Brasil e do brasileiro. Em uma “Confissão” intitulada “Werther”, Nelson zomba do então jovem cronista Nelson Motta e de um artigo que este teria escrito dias antes, contra os românticos. No tal artigo, Nelson Motta teria falado contra o brega e o romântico e a favor da arte revolucionária. Teria, ainda, citado *Roda Viva* de Chico Buarque como exemplo de sua tese, ao que Nelson responde:

Ah, Roda Viva é também o anti-Chico, e por outras palavras:- Roda viva é o José Celso. (...)

E eu achei que toda a crônica do Nelsinho tinha um som de moeda falsa. Por que o pudor de ser piegas? Que somos nós, senão 80 milhões de piegas? E o Nelsinho, que é capaz de fazer um pacto de morte na primeira esquina, e Chico idem? Um ou outro deviam aparecer na boca-de-cena e anunciar, de frente alta:- “Damas e cavalheiros:- Eu sou um piegas nato e hereditário”. E o Sérgio Buarque de Hollanda, uma das inteligências mais sérias do Brasil? Em várias entrevistas já declarou:- “Eu sou apenas pai do Chico”. Eis um gesto do piegas radical e incontrolável. (Rodrigues, 2001: 189)

As ambigüidades e os entrelaçamentos que emergem das diferentes propostas de interpretação e projeto de Brasil são difíceis de sintetizar. Da tensão entre a escolha pelo regionalismo e o risco de uma “macumba para turista” (parafrazeando Oswald de Andrade em sua crítica a primeira fase do modernismo), passando pelo antagonismo entre o elitismo nacionalista e o socialismo estrangeirado, a necessidade de se criar uma identidade nacional, assim como na passagem do modernismo de 1920 para o de 1930, esbarrava na valorização dessa ou daquela influência externa e da radicalização ou não das propostas marxistas.

Todavia, não foi apenas de questões relacionadas a identidade nacional e a política que se travou a batalha entre as “Confissões” e o mundo em rápida

transformação dos anos 1960-70. Esse, também, foi um período de grandes impasses e mudanças radicais nos costumes pessoais. Um fator fundamental na base dessas mudanças era o novo papel social do jovem:

Pergunto:- quem é o verdadeiro autor do “poder jovem”? Será o próprio jovem? Eu não teria nada a objetar se o próprio jovem apanhasse no chão, a mãos ambas, o Poder. Mas aqui começa o divertidíssimo equívoco:- o autor ou autores do “poder jovem” são os velhos, os mais velhos.

O jovem propriamente não moveu uma palha para tornar-se poderoso. Foram os pais, as tias e, numa palavra, a família: foram os professores, os sociólogos, os sacerdotes, os jornalistas, os políticos. De repente, os velhos resolveram conferir ao jovem, e de graça, méritos e potencialidades jamais suspeitas.

Quando me iniciei no jornalismo, um velho profissional me dizia:- “Rapaz, das duas uma:- ou o jovem é um Rimbaud ou uma besta”. Pois bem. Hoje, o jovem sofre a promoção obsessiva de um sabonete. (...) convencionou-se que “o jovem” tem o gênio de Rimbaud. E se duvidarem, os velhos estarão dispostos a admitir os vícios de Rimbaud (Rodrigues, 2002 b: 125).

Ao dizer que os velhos estariam dispostos a aceitar até os vícios de um Rimbaud, Nelson nos dá a uma pista dos reais motivos de sua querela contra o “poder jovem”. Em outra “Confissão”, ele indaga qual o motivo do levante dos jovens por todo mundo, e responde: “Segundo se diz, porque estão insatisfeitos com os valores até então vigentes. Só que tais valores, ninguém os realizou e todos os traíram” (Rodrigues, 2001: 118).

Que valores são esses? Ao que parece, reclama da perda de valores modernos iluministas. No mundo em que se relativizava a disciplina e os hábitos burgueses tradicionais, as práticas religiosas ocidentais, as hierarquias etárias, a sexualidade atrelada aos valores românticos, ou seja, a moralidade e a racionalidade ocidentais, na verdade se relativizava o paradigma moderno, e porque não dizer, uma das faces da racionalidade moderna

Na dianteira desse processo estava a juventude e as propostas de revolução cultural mediante os movimentos coletivos, o que levava Nelson a constatar que: “(...) o culto da personalidade foi substituído, em boa hora, pelo culto da idade. Minto. Não é bem assim. O que há em todos os idiomas, é “o culto da imaturidade” (Rodrigues, 2002 b: 246):

O sujeito tem dezessete, dezoito, vinte. Pronto. Toma o mundo. Mas vejam como numa simples frase, está todo um crime, ou seja, o crime de dar razão a quem não a tem. O mundo só pode ser dos que têm razão. Mas a razão é todo um maravilhoso esforço, toda uma dilacerada paciência, toda uma santidade conquistada, toda uma desesperada lucidez. Não era bem assim que eu queria dizer. Faltam-me palavras. (Rodrigues, 2001: 120)

É interessante perceber que quando seu interesse é criticar a racionalidade da esquerda marxista, defende o sentimentalismo, a emoção e o romantismo como qualidades indispensáveis ao brasileiro e, quiçá, até ao ser humano em geral. Contudo, quando seu embate se trava contra a revolução dos costumes de sua época, defende, então, a racionalidade e as regras de comportamento.

Na verdade, Nelson assumiria uma posição cambiante conforme o alvo a combater. No caso das transgressões aos valores tradicionais, promovida pelos jovens dos anos 1970, Nelson propagaria o discurso rígido e moralista.

Dessa forma, tentou demonstrar que um mundo assim, como o que se esboçava na época, era um mundo aberto ao cinismo. A grande briga que ele passou a travar com seu tempo, foi a de provar que os argumentos libertários estavam errados em seus fundamentos, ou seja, que a disciplina, a culpa, as hierarquias, o sobrenatural e a repressão sexual, eram fatores necessários ao desenvolvimento do humanismo. Sem eles, o mundo estaria na mão das mais cínicas arbitrariedades, correndo o risco de se tornar o caos.

O terceiro capítulo será dedicado a discussão sobre o que há de conservador e do que há de libertário na posição de Nelson Rodrigues. A primeira vista, pode-se dizer que sua reação às revoluções que se davam ao redor do mundo nos anos 1960/70 são puramente retrógradas, repressivas, e até fascistas. Mas Nelson não é um autor tão facilmente esquematizável. Seu discurso era também uma previsão de problemas morais contemporâneos, fruto das práticas liberais dessa época.

Assim, Nelson vai se contrapondo, passo à passo, às transformações dos hábitos pessoais, defendendo a moral dita ultrapassada pela grande maioria dos intelectuais e artistas, envolvidos na revolução dos costumes. Um bom exemplo disso era sua rejeição à psicanálise, que na época era uma das grandes novidades teóricas e clínicas no país:

(...) a estagiaria fazia análise individual. Durante todo um ano interminável, ia a seu analista três vezes por semana. E acontecia uma coisa curiosa: - piorava de 15 em 15 minutos. No fim de 3 meses de tratamento, o pai da menina foi bater na porta do analista:- “Doutor, sabe qual é a última de minha filha?. Fez o suspense e disse, de olho rútilo e lábio trêmulo:-“Quer se matar!”. Chorava: - “Minha filha quer se matar!”

Um analista não se espanta. Se lhe cair uma bomba atômica na cabeça, dirá, com a maior naturalidade e sem ponto de exclamação:- “Morri”. Eis o que respondeu ao pai desatinado:- “Faz parte, faz parte. O velho não entendeu: - “Como, faz parte?”. Enojado de tanta ignorância, o analista diz com o maior tédio: - “é normalíssimo”. (...) (Rodrigues, 2002 c: 112, 113)

O analista descrito é mais um entre os vários personagens do grupo dos “compreensivos”, imagem criada por Nelson para ironizar aqueles que não rezavam na antiga cartilha moral, defendida por ele:

Ah, uma senhora “compreensiva” é capaz de tudo. Se lhe servirem num banquete, uma ratazana ensopada, não pensem que fará a concessão de uma surpresa. Jamais. Nada a espanta. Tem sempre, e nas emergências mais cruéis, uma aristocrática naturalidade, uma melíflua negligência. Suprimiu dos seus hábitos o ponto de exclamação. É ratazana? Pois que seja ratazana com abóbora.

Mas há pior, amigos, há pior. Outrora, só uma seletíssima elite tinha esse cinismo superior e inteligentíssimo. Tal elite compreendia o mistério de tudo e o resto não. O homem comum era o que ainda se espantava. Se me perguntarem onde estão “os compreensivos”, eu diria que os há em todas as classes. Há o cínico grã-fino e o cínico favelado. Há também, na classe média, essa incapacidade para o horror. Sim, há quanto tempo nós não nos horrorizamos? (Rodrigues, 2002 b: 129)

Dois importantes nomes do contexto, que Nelson também enquadrava no grupo dos “compreensivos”, eram Alceu Amoroso Lima e Dom Helder Câmara. Provavelmente esses foram os personagens mais presentes nas “Confissões”. Por meio da repetição exaustiva dos mesmos argumentos, Nelson criou, na imagem dos dois, os representantes materiais de sua indignação com o que entendia como traição da Igreja Católica em nome da Igreja progressiva e da “adulação dos jovens pelos mais velhos”.

Como se sabe, tanto Tristão de Athayde (pseudônimo de Amoroso Lima) quanto Dom Helder, eram representantes do pensamento de renovação da Igreja católica. Buscando uma maior aproximação com o povo, esse segmento da Igreja

passou a denunciar com veemência as injustiças e desigualdades sociais, além de propor reformas litúrgicas, defendendo missas realizadas de modo mais simplificado e compreensível para os fiéis.

Naturalmente ocorreu, então, uma aproximação entre esses setores da Igreja e os movimentos progressistas de esquerda, no que tange as denúncias contra o regime autoritário do país, bem como uma discreta afinidade quanto à transformação dos costumes tradicionais.

Nelson Rodrigues, negava de cima a baixo essa postura. Achava que a igreja devia se ater aos problemas espirituais e que a autoridade de 2000 anos de tradição não deveria ser questionada. É nesse momento que se aproxima de Gustavo Corção, pensador católico e, como Nelson, crítico ferrenho da Igreja progressista. Durante esse período, permaneceram unidos no ataque a Alceu Amoroso Lima e Dom Hélder. Em um artigo para o Estado de São Paulo em março de 1968, Corção refere-se a ele, Nelson Rodrigues e também Gilberto Freyre, como “nós”, ou seja, como grupo que se opõe a dom Hélder e a Igreja progressista: “ A queixa que temos de Dom Hélder não é a de querer socorrer os pobres, é a de se servir desta bandeira para temporalizar a Igreja, para naturalizar o sobrenatural, para auxiliar o comunismo sem ser comunista e até para fazer sua promoção pessoal” (Corção apud Facina, 2004: 231)

Nelson também não deixaria barato, e defenderia seu conservadorismo em contraste com o progressismo de Alceu e Hélder. Numa crônica intitulada “El Arzobispo de La Revolución”, Nelson comenta sobre uma declaração de Dom Helder a um Jornal Colombiano :

(...) Em seguida, outra manchete, com declaração do arzobispo:- “És más importante formar um sindicato do que construir um templo”. Eis o que eu gostaria de notar:- na “Grande Revolução”, os russos substituíam, nos vitrais, o rosto da Virgem Maria por um focinho de vaca. Jesus tinha cara de boi, com as ventas enormes. Mas a “Grande Revolução” se fez contra Deus, contra a Virgem, contra o Sobrenatural etc. etc. e, como se verificaria em seguida, contra o Homem. Portanto, ela podia incluir Jesus, os santos, num elenco misto de bois e vacas. Mas um católico não pode agredir a Igreja com esta manchete:- “És Más Importante Formar um Sindicato que Construir Um Templo”. E se o nosso Hélder o diz, estejamos certos:- é um ex-católico e, pior, um anti-católico. (Rodrigues, 2001: 240)

Como Corção, Nelson insistia na idéia de que Dom Hélder criticava a Igreja, na sua postura tradicional, com intuítos autopromocionais. Assim,

utilizando-se do recurso da “entrevista imaginária” (para Nelson “ a única maneira de arrancar do entrevistado as verdades que ele não diria ao padre, ao psicanalista, nem ao médium depois de morto”) cria a imagem de dom Hélder, considerado por muitos um santo, como um ser mundano, cheio de vaidades e ambições:

Faço a pergunta: - “Que notícias o senhor me dá da vida eterna”. Riu- Rapaz! Não sou leitor do *tico-tico* nem do *gibi*. Este me achando com cara de vida eterna?” No meu espanto, indago:- “E o senhor acredita em Deus? Pelo menos em Deus?. O arcebispo abre os braços, num escândalo profundo:-“Nem o Alceu acredita em Deus. Traz o Alceu para o terreno baldio e pergunta” (...)

Pede outro cigarro. Fez novas confidências:- “Sou homem da minha época. Na idade Média, eu era da vida eterna, do Sobre natural. Fui um santo. É o que lhe digo:- cada época tem seus padrões. Benjamin Costallat, no seu tempo, era o Proust. O charleston já foi a grande moda. Pelo amor de Deus, não me falem da vida eterna, que é mais antiga, mais obsoleta do que o primeiro espartilho de Sarah Bernhardt. Hoje, a moda não é mais Benjamin Costallat, nem o charleston. Entende? É Guevara. O santo é Guevara. E acompanho a moda (Rodrigues, 2001: 50, 51)

O que Nelson não conseguia admitir era a equação catolicismo-política. Na sua visão, o homem religioso devia ter compromisso com Deus e os assuntos metafísicos, jamais se envolvendo com qualquer postura próxima das intempéries dos movimentos revolucionários. Indignado, observava os caminhos da religiosidade a sua volta: “ ‘Um padre de passeata’ indagava:- “Porque a cruz e não a foice e o martelo?” Jornais e revistas apresentam o Cristo como um guerrilheiro, um terrorista, um agitador!” (Rodrigues, 2002 c: 96).

Além de dom Helder, Alceu Amoroso Lima também foi julgado por Nelson como um traidor das convicções verdadeiramente católicas. Julgava contraditória a postura de Alceu, que antes era um pensador católico conservador, que chegara a flertar com o integralismo, e depois passou a defender uma imagem pública de católico liberal e progressista. Para ele, ao fazer isso, Alceu se submetia as reivindicações da juventude de esquerda:

(...) Mas, de passagem, o mestre escreve sobre a reação do jovem americano contra a decrepitude da civilização norte-americana. Antes de continuar, o que é que o dr. Alceu chama de jovem revolução nos Estados Unidos? Foi o bacanal de Wood-stock. Trezentos mil jovens, de ambos os sexos, que, ao mesmo tempo que se drogavam, praticavam as mais tenebrosas formas de perversão sexual. (...)

Mas pergunto:- que fez essa juventude? Eu já me daria por satisfeito se, um dia, tivesse inventado um comprimido, um Melhoral. Antes um comprimido do que nada. (...)

E, súbito, o mestre, possuído por uma dessas certezas inapeláveis e fatais, fala da importância crescente do fenômeno da idade, no conjunto dos fatores sociais modernos. Idades, sabemos que há várias. Estará Tristão falando ainda do jovem? Se é do jovem, pediria ao mestre que apresentasse um líder de dezessete, dezoito, dezenove anos. O grande líder juvenil que conhecemos é exatamente Mao Tse-tung, com seus 84 anos de idade. (...)

O Mestre insiste na Razão da idade (...) Olho, ainda mais uma vez, o artigo do mestre. Gostaria de vê-lo escrever sobre a jovem irracionalidade que sopra em todos os países e em todos os idiomas. (Rodrigues, 2002 c: 332, 333)

Nelson faz uma caricatura da época ao desprezar a revolução comportamental com os argumentos utilitaristas. Os anos 1960/70 não foram marcados especialmente por um desenvolvimentismo, mas sim por transformações de ordem moral e psicológicas. De acordo com Adriana Facina, em sua análise antropológica da obra de Nelson Rodrigues, a revolução cultural, desprezada por ele, não era especificamente contra o capitalismo como sistema econômico, mas fundamentalmente contra as representações do autoritarismo, tradição, hierarquia, preconceitos da repressão e da discriminação. Nelson, porém, via nisso a criação de um mundo sem valores, e por conseqüência, aberto a barbárie anticivilizatória.

Suas preocupações, no entanto, não tinham somente um cunho humanista. Boa parte de sua revolta contra os movimentos de libertação da época, não se justificavam do ponto de vista humanitário. Muitas vezes seu discurso assumia um tom, como ele mesmo admitia, “obscurantista”. Na sua concepção romântica, a vida deveria ser permeada de mistérios inefáveis, e, a subversão desses implicava num risco para a alma.

É dessa forma que, igualmente, travaria sua batalha particular contra a chamada “revolução sexual”. Respondeu ao feminismo, à educação sexual e à pílula anticoncepcional com indignação. Em uma “Confissão” intitulada “sexo é para vira-latas”, Nelson expõem uma opinião que repetiria em várias outras crônicas:

Antes de mais nada, ela (a educação sexual) desumaniza o homem e desumaniza o sexo. No dia em que o sujeito perder a infinita complexidade do amor, cairá automaticamente de quatro, para sempre. Sexo como tal, e estritamente sexo, vale para os gatos de telhado e os vira-latas de portão. Ao passo que no homem o sexo é amor. Envergonha-me estar repetindo o óbvio. O homem começou a própria desumanização quando separou o sexo do amor. (...) todos passam de cara amarrada, exalando a mesma cava depressão. São vítimas do sexo sem amo (Rodrigues, 2002 c: 151)

Mais uma vez Nelson se colocaria em oposição contrária a sua época. Muitos se surpreendiam com o seu moralismo, dado o conteúdo tido como obsceno da sua obra dramaturgica, ao que Nelson respondia ironizando: “minhas peças são obras morais. Deviam ser adotadas na escola primária e nos seminários” (Rodrigues, 2002 a: 109). Para ele, o sexo não poderia ser tratado sem mistério ou sem pudor, da mesma forma, homem e mulher tinham papéis sociais naturais definidos e definitivos.

Assim, comentando sobre a visita da líder feminista norte-americana Betty Friedan, dizia ele:

O que a sra. Friedan quer é, justamente liquidar a mulher como tal. Se vocês espremerem tudo o que ela diz, ou escreve, descobrirão que a nossa ilustre visita pensa assim, mais ou menos assim: - “A mulher é um macho mal-acabado, que precisa voltar à sua condição de macho”. Dirão vocês que estou abusando do direito de interpretar e fazendo exagero caricatural. Pelo contrário:- estou sendo fidelíssimo ao sentido dos textos, de todas as entrevistas que concedeu, em todos os continentes.

Para a líder do antifeminismo, a mulher não tem nenhuma dessemelhança com o homem. Nenhuma? Nenhuma. Nem anatômica? Se ela não faz a ressalva vamos concluir: - nem anatômica. E essa coisa misteriosa e irresistível que nós chamamos “feminilidade”? Responde:- “A feminilidade não existe”.

A sra. Friedan é um ser todo feito de certezas. Jamais lhe ocorre uma única e escassa dúvida. Eis o que afirma:- a “feminilidade” é uma ilusão, ou uma impostura inventada por uma “sociedade de consumo”. Hoje não há idiota que, aqui ou em qualquer idioma, não explique com a “sociedade de consumo” todos os mistérios do céu e da terra. Com a tal “feminilidade” a mulher tem que comprar cílios postiços, maquilagem, vestidos, sapatos etc.

Shakespeare no seu Hamlet, diz, pela boca de Horácio, que “há mais coisa entre o céu e a terra do que supõe a nossa vã filosofia”. Mas Shakespeare não conhecia a “sociedade de consumo”, que é, hoje, a chave de todas as dúvidas (...)

Diz mais: - que a mulher para viver dignamente precisa estar acima de “definições sexuais” como “mãe e esposa”. Para a pobre senhora a maternidade é um fato apenas físico, como se a mulher fosse uma gata vadia de telhado. Nem

desconfia que sexo, para o ser humano, é amor. Há dez anos, ela não diria isso. E se o dissesse a família trataria de, piedosamente, amarrá-la num pé de mesa; e ela teria que beber água de gatinhas, numa cuiá de queijo palmira. Hoje, porém, pode sair por aí a dizer pela Europa, América, Oceania etc. etc., afirmando que a mulher é mulher não porque o seja, não porque Deus a fez, não porque a natureza tivesse raspado sua barba antes de apresentá-la ao homem. A mulher é mulher – afirma a sra. Friedan – porque a “sociedade de consumo” assim o quis. Entendem? Não Deus ou a natureza, mas a “sociedade de consumo”. (Rodrigues, 2002 c: 193, 194, 195)

Nelson conviveu com uma época de diluição das dicotomias tradicionais. Sua resposta a isso foi virulenta e reacionária. Contudo, atualmente, podemos observar um pouco mais do que o puro conservadorismo de Nelson, e localizarmos nas crônicas a antecipação de alguns importantes embates culturais e morais da contemporaneidade.